

Sabedoria: textos periféricos?*

Milton Schwantes**

Resumo

A terceira parte do cânon hebraico, chamada de Escritos/*Ketubim*, tende a ser pouco estudada e valorizada. Isso vale em especial para os livros das tradições da sabedoria. Um dos motivos reside na teologia sapiencial que se concentra da teologia da criação. O presente ensaio propõe dar especial atenção justamente aos livros sapienciais, justamente porque correlaciona sua religião com a de outros povos e religiões.

Palavras chave: Sabedoria; Provérbios; Sentenças; Teologia da criação; Secularidade.

Wisdom: peripheric texts?

Abstract

The third part of the Hebrew canon, called the Writings/*Ketubim*, has a tendency to be under-studied and under-valued. This is especially so for books which belong to the Wisdom traditions. One of the reasons is Wisdom theology, centered on Creation theology. The present essay proposes to give special attention precisely to the Wisdom books, precisely because it correlates their religion to that of other peoples and religions.

Keywords: Wisdom; Proverbs; Sentences; Creation theology; Secularity.

Sabiduría: ¿textos periféricos?

Resumen

La tercera parte del canon hebreo, llamada de Escritos/*Ketubim*, tiende a ser poco estudiada y valorizada. Esto vale especialmente para los libros de las tradiciones de sabiduría. Uno de los motivos está en la teología sapiencial que se concentra en la teología de la creación. El presente ensayo propone dar especial atención justamente a los libros sapienciales, precisamente porque correlaciona su religión con la de otros pueblos y religiones.

Palabras claves: Sabiduría; Proverbios; Sentencias; Teología de la creación; Secularizad.

* Palestra na cerimônia acadêmica de abertura do 1º semestre de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em 12 de março de 2008.

** Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Endereço eletrônico: milton.schwantes@metodista.br.

Muito rapidamente me fui à sabedoria. É que se tem tão pouca chance de estudá-la e de debater sobre seu lugar na religião que há que aproveitar as oportunidades que aparecem. No Segundo Testamento, a presença da sabedoria não é lá tão marcante, ainda que presente em momentos decisivos de sua linguagem religiosa. Nem mesmo os sermões se interessam por ela. Pois sermão que se preze é querigmático; centra-se no assim chamado o(!) assunto da Escritura. Sabedoria, só em acidentes. Meu texto evoca, pois, o periférico.

Chegando ao assunto

Aí, pelos ônibus e pelos caminhões, a sabedoria continua a se expressar. Através de provérbios, uns e outros vão dando seus recados, na vida: “Deus é jóia, o resto é bijuteria”; “Se casamento fosse legal, não precisava de testemunha”¹.

Mas, antes de se encontrar nos pára-choques, o provérbio está na memória da gente. Pedi que alguém citasse alguns. De imediato lhe saíram uns tantos: “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”; “Em boca fechada não entra mosquito”; “Palavra bonita formoseia o rosto”; “Relógio que atrasa não adianta”.

Por aí pulsam a vida, suas dores, alegrias, frustrações. Tais ditos abrem o rosto da gente. Às vezes nos pregam uma peça porque nos desvendam em nossos escondidos; às vezes nos enchem de alegre surpresa. São do jeito da vida, morais e simultaneamente impróprios para o convívio à mesa. São agradáveis de mencionar, às vezes nem tanto.

Às vezes estes provérbios assumem contornos públicos, políticos. Aliás, nas frases feitas, temos um de seus berços. Comício tende a ser espaço de provérbios. O mesmo se dá em outras concentrações populares, como o caso do campo de futebol². Também têm importância na propaganda. Seus gritos de guerra tendem ao proverbial: “Calcário enriquece pais e empobrece filhos”; “Rouba, mas faz”.

De todo modo, a tendência é a de tais provérbios não terem grandes influências em estudos e pesquisas. Param às portas da academia. Há tantas outras

¹ Veja-se esta lista de provérbios de nossos dias, elaborada pela Profa. Marina Machado dos Santos: A velocidade que emociona é a mesma que mata. – Um falso amigo é um inimigo secreto. – Quem ama a rosa suporta os espinhos. – Preguiça é o hábito de descansar antes de estar cansado. – Direito tem quem direito anda. – Para que um olho não invejasse o outro, Deus colocou o nariz no meio! – Cada ovo comido é um pinto perdido. – Cana na fazenda dá pinga; pinga na cidade dá cana. – A calúnia é como carvão: quando não queima, suja. – Seja paciente na estrada para não ser paciente no hospital. – Não sou orquestra, mas vivo no concerto. – O bom não é ser importante: o importante é ser bom! – A velocidade que emociona é a mesma que mata.

² Frase de torcida, por exemplo, é: “Um, dois, três, o ... é freguês”.

ênfases a colocar, a ensinar e a doutrinar! E assim a proverbialidade vai ficando de fora das coisas de religião, da teologia, da política. É mesmo do povão.

Na teologia bíblica não é lá muito diferente. Tomo como exemplo aquele que em muito se destacou dentre os estudiosos do Primeiro Testamento: Gerhard von Rad. Concluía ele nos anos cinqüenta e sessenta do século passado sua magistral obra *Teologia do Antigo Testamento* (2006)³. Trata-se originalmente de dois volumes: um enfocando as “tradições históricas” e outro, as “tradições proféticas”. Nesta sua obra, enfim também contempla a sabedoria proverbial no final de seu primeiro volume: “Israel diante de Javé”⁴. Mas, essa abordagem, nos espaços da Teologia, visivelmente não o satisfaz. Por isso continuou a trabalhar no assunto. E sua última publicação quando ainda em vida, no ano de seu falecimento, em 1970, justamente versa sobre a *sabedoria* (von Rad, 1985)⁵. Dizia-se que este seria o terceiro volume da teologia, mas não foi e nem é. Trata-se de uma obra com ênfase diferente. Por quê? No caso, uma parcela – sim, uma porção volumosa – nem seria ‘teologia’?

De todo modo, von Rad percebeu que em sua *Teologia do Antigo Testamento* não estava contemplado todo o Primeiro Testamento. Percebeu-o como intuição. E ainda assim não se arriscou a enfrentar o problema que deixara em aberto. Aliás, outros e outras que esboçaram teologias após Gerhard von Rad por igual não enfrentaram o problema; somente mencionaram breves e convencionais itens sobre a sabedoria, o que, como víamos, também von Rad fez no primeiro volume de sua obra⁶. A questão não é, pois, problema de um pensador, no caso von Rad, mas da teologia bíblica, da teologia das igrejas, enfim da religião judaico-cristã, em especial na cristã. Minha conferência quer chamar atenção sobre este silêncio da teologia sobre a sabedoria.

Um sábio: pelos caminhos da fonte Q

Acho que aqui também devo citar a Jesus de Nazaré. Até peço desculpas por me arriscar por caminhos de informação, para os quais a gente precisa ser especialista. Por isso, o que digo fica mais ou menos entre parênteses, carecendo da avaliação crítica de quem entende do assunto.

De todo modo, algumas publicações estão trazendo dados impressionantes. Refiro-me a estudos feitos sobre a fonte Q em nosso próprio Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, que indicam quão importantes são as

³ Cf., especialmente, p. 405-427 e p. 427-446.

⁴ Os subtítulos diretamente referentes à sabedoria levam os seguintes subtítulos: “A sabedoria experimental de Israel”, “A sabedoria teológica de Israel”, “O ceticismo” (p. 405-446).

⁵ Tradução espanhola do original alemão (von Rad, 1970).

⁶ Cf.: Fohrer (1982a; 1982b); Mesters (1984); Westermann (1994); Zimmerli (1980).

matrizes sapienciais de tradições jesuânicas. Em parte, confluíram, na forma da fonte Q⁷, para dentro dos evangelhos e, em parte, continuaram a existir em sua autonomia, nos primeiros séculos das igrejas cristãs, por exemplo na forma do que veio a ser o *Evangelho de Tomé*. Mas também me vejo impactado por dois estudos atuais sobre a *Carta de Tiago*, este documento sapiencial: o extenso comentário de René Krüger (2005) já está publicado; e o de Elsa Tamez (2009) está pronto e em fase de editoração. A sabedoria chama, pois, nossa atenção.

De todo modo, na origem das memórias sobre Jesus de Nazaré estão ditos sapienciais: “felizes vós, os pobres” (Lc 6, 20) ou “felizes os pobres em espírito” (Mt 5,3). Tais frases programáticas estão claramente centradas na crítica social. Sim, a sabedoria focaliza a crise social!

Dizíamos acima que, ao perscrutar *Teologia do Antigo Testamento* (von Rad, 1970), a obra mais proeminente do século XX nesse campo, temos que constatar que, nela, as tradições sapienciais não desempenham papel de destaque. Mas, se olharmos para o Primeiro Testamento, estaríamos obtendo aí um dado diferente? No geral, postula-se que os evangelhos sinóticos teriam na assim chamada fonte Q uma de suas origens. Pois Mateus e Lucas ter-se-iam originado basicamente a partir de Marcos e da fonte Q. Ora, ao menos uma das ênfases dessa fonte Q reside na linguagem e na cosmovisão sapienciais. A meu ver – mas, enfim, isso de todo modo é tarefa de especialistas –, convém que aproximemos marcadamente sabedoria e apocalíptica. Já em tempos pré-neotestamentários, sabedoria e apocalíptica passaram a interagir, vindo a conformar, em parte, tradições de mútua aceitação. Afinal, fala apocalíptica não deixa de ser sábia incursão em novos tempos.

De todo modo, nos tempos em que estavam sendo formuladas as cartas paulinas, a Fonte Q parece que circulava por terras galiléias e sírias. E há semelhanças entre tais cartas e este evangelho jesuânico, sábio, chamado de *Tomé*. Há quem o correlacione com perfis de escolas filosóficas gregas, nas próprias terras palestinas. A sabedoria é filosófica!

Neste caso, estar-se-ia repetindo ou aproximando o que sucedia em Alexandria, no Delta do Rio Nilo. Também aí a sabedoria chamava a si a tarefa de acelerar o diálogo e a aproximação com a cultura grega. Ora, nas sinagogas egípcias agregaram-se mais alguns textos sapienciais ao cânon do Primeiro Testamento. *Jesus Siraque* ou *Eclesiástico* é uma destas obras, volumosa de cinquenta capítulos. E, mais interessante que esta, os *Salmos de Salomão*

⁷ Acerca da fonte Q, cf. Ribla (1995). “*Documento Q* ou *fonte Q* é um texto perdido hipotético postulado para explicar a existência de material em comum entre os evangelhos de Lucas e Mateus e não presente no de Marcos. A letra Q vem de *Quelle*, palavra alemã para ‘fonte’” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte_Q). [Nota do editor de texto].

tentam integrar oração e ato de pensar, sabedoria e hinos. E um livro narrativo, como o de *Judite*, vem, sem dúvida, marcado por entonações sapienciais.

Certamente poderíamos dar seguimento a esta lista. E, sempre de novo, ficaria marcado: primeiro – a sabedoria tornou-se, no pós-exílio, um dos elementos decisivos da cultura israelita, impactando até mesmo o Segundo Testamento; segundo – sabedoria é a matriz intelectual de uma das mais antigas tradições sobre Jesus de Nazaré.

Nas teologias bíblicas, esta marcante presença da sabedoria infelizmente não tende a desempenhar nenhum papel de relevância. Esta constatação já foi feita muitas vezes. No que digo, não há, pois, nenhuma originalidade. Por onde quer que se passe, teologia exclui a sabedoria. E, agora? Penso que podemos agudizar esta pergunta se olharmos mais pormenorizadamente para as sapiencialidades da cultura no Primeiro Testamento.

Sabedoria nos Escritos

A Bíblia hebraica atribui um espaço específico para a literatura sapiencial. Concentrou-a no Escritos⁸, nesta terceira parte de seu cânon. Aliás, cada uma das partes concentra um tipo de linguagem peculiar. A primeira, a *torah*/lei, privilegia narrações e mandamentos. A segunda, os *nebi'im*/profetas, agrupa a palavra/*dabar* profética. E a terceira, os Escritos/*Ketubim* dão atenção à sabedoria. Passemos a observar os livros sapienciais desses Escritos.

Os Escritos/*Ketubim* são marcadamente sapienciais. Ao se consolidarem em tempos pós-exílicos tardios, a religião por eles patrocinada era basicamente sábia; era sábia nos conteúdos reunidos e era sábia porque, nestes tempos, a exegese, a interpretação de textos, foi tomando conta da prática e do entendimento da religião. Neste sentido, não é acaso que a religião de Jesus tenha as marcas do sapiencial, como o indica a fonte Q.

Ao começarem pelo livro dos *Salmos*, os Escritos dão abertura à sua coleção por um trecho sapiencial, que é o Salmo 1. O saltério das orações inicia com uma orientação sábia. Orações mantêm-nos, pois, em trilhos de justiça. Esta ênfase se repete por variadas e contínuas vezes. Penso em salmos como 37, 73, 119 e outros tantos⁹. Toda uma coleção com a dos salmos de caminhada a Jerusalém, em Sl 120-134, trazem as marcas da cultura sapiencial. Muitos outros mais podem ser mencionados. Salmos não só são orações, são também encaminhamentos sábios e práticos para a vida.

O *Livro de Jó*, que dá seguimento aos *Salmos*, aprofunda a sapiencialidade¹⁰. Ele também está sob o influxo dos salmos, no caso de lamentação, pois é com

⁸ Cf. Schwantes (2005, p. 5-10).

⁹ Cf. Gunkel (1985), especialmente o capítulo 10 (Gunkel, 1985, p. 381-397); Kraus (1996, p. 55).

¹⁰ Cf. Ternay (2001); Horst (1969); Strauss (1995-2000).

este gênero literário que se vê comprometido¹¹, se bem que em seu estilo e em seus conteúdos seja eminentemente sapiencial. Não é, pois, o lamento que perfaz os conteúdos, mas o corajoso protesto social contra a vida que resulta nas dores de Jó nas dores continuadas das gentes sofridas¹². A rigor, não há saída para escravas e escravos (veja Jb 3!), pobres e enfermos. A esta radicalidade é que Jó conduz os salmos de lamentação. Estes sofredores, nos *Salmos*, ainda apresentam saídas e alternativas. Em Jó, aparentemente, também a têm, mas, de fato, já não a encontram, pois as respostas de Deus no final do livro não são apropriadamente consistentes. Só o são provisoriamente. Pois, ao final, as respostas de Deus não condizem com as crises de pobres e famintos. Em outras palavras, e com o devido respeito, tamanho de hipopótamo não conforta as dores em meio às cinzas e à marginalidade. Neste sentido, Jó não soluciona a crise que formula! Jó não é, finalmente, nem salmo e nem profecia, não resulta em apocalipse e esperança e nem em atendimento da dor.

Em *Provérbios*, que segue a Jó, a resposta também é algo decepcionante, mas é viável e não deixa de ter seu charme. Cada um de seus provérbios e de suas sentenças abre clareiras, ainda que sejam modestas. Trata-se, na verdade, de rápidas e fugazes relampejos, similares às luzinhas de vagalumes. Pouco permitem ver, mas dão algo de esperança de que não se está na escuridão total, de que há de haver saída, ainda que horizonte algum a indique; tudo são só luzinhas de vagalumes. Para a gente não se perder, há que agarrar-se às pessoas próximas, às pessoas da família, às vizinhanças. De pouco em pouco, de boa relação em boa relação, achegando-se à gente justa e desviando-se dos injustos e dinheirudos, é que vai aparecendo, mesmo na escuridão, algo de vida sábia. Por isso: “O justo atenta para a vida de seus animais, mas o coração dos perversos é cruel” (Pr 12,10)¹³. Ou: “Achou mulher, achou o bem, e alcançou a benevolência do Senhor” (Pr 18,22)¹⁴.

Estes dois exemplos não são esperanças radicais, mas ao serem cotidianos alegam a vida de cada dia. As dores de Jó permanecem, mas a seu lado abrem-se momentâneas clareiras que iluminam a vida, a vida simples de cada dia. Ainda que os perversos não sumam, obêm-se indicações sobre pessoas a quem se agarrar para não sucumbir ao desespero.

Tais pequenas esperanças, às vezes, até abrem clarões. Os caps.1-9 insistem em tais arroubos do novo. Estes capítulos possivelmente nos situem em tempos tardios, no terceiro século. As inquietações estavam tomando conta

¹¹ Cf. Westermann (1977; tradução para o inglês, 1981).

¹² Cf. Calonga (2004); Sölle (1996); Gutiérrez (1987).

¹³ Cf. minha palestra no Concílio da Igreja em Hamburgo, Alemanha (Schwantes, 1992, p. 29-35; 1994, p. 21-25).

¹⁴ Cf. meu ensaio a respeito deste provérbio-sentença (Schwantes, 1978, p. 27-40).

das pessoas. Havia quem já não suportava as desmesuradas arbitrariedades de ptolomeus e selêucidas extorquindo a Terra de Israel, a Palestina. Os impérios gregos, estes tais ptolomeus egípcios e selêucidas siros, roubaram demais e exigiam o cumprimento de leis sem vida. Começam protestos profético-apocalípticos contra o senhorio dos gafanhotos (veja *Joel*);¹⁵ promovem-se peregrinações que clamam por um basta às opressões (Sl 120-134)¹⁶. Neste ambiente, Pr 1-9 dão ênfase maior à esperança. Concentram a ética decididamente no “temor ao Senhor” (Pr 1,7), tornam a casa da sabedoria militante e até intransigente (Pr 9,1-6) e, enfim, vislumbram na sabedoria não só uma atividade antropológica, mas vêem-na a ela mesma até mesmo divina (Pr 8,22)¹⁷. Assim a religião sapiencial se torna, ela mesma, revolucionária! No segundo século, também a sabedoria há de ter estado nas proximidades dos revolucionários macabeus. Jesus de Nazaré certamente é discípulo desta vertente sapiencial, inconformada com o senhorio estrangeiro sobre a Palestina!

A *Provérbios* segue o *Livro de Rute*. E neste temos portal de entrada para o *Cantar dos Cantares*. Nesta posição, há que atribuir sapiencialidade também a *Rute*. Nele nem é tão densa a linguagem sapiencial. Mas sua alocação suga para dentro deste elã da sabedoria. Noemi é deveras sábia, porque encaminha Rute para a respiga e também para o encontro com Boaz, na eira. A vida requer saber para poder ser refeita, após tamanhos desastres como os que se impuseram àquelas mulheres em terras moabitas. Sabiamente a vida vai conduzindo a ambas para novos horizontes. Rute com Boaz e Noemi com o filho que lhe é atribuído por Rute. Vida em sábios passos resulta em horizontes de esperança, em messianidade.¹⁸

Rute trilha por novos caminhos, por certo. Mas o livro que lhe segue, *Cantar dos Cantares*, avança sinais por estes novos trilhos. Este livro é mesmo surpreendente. A mulher da maioria de suas poesias sapienciais se auto-compreende como amada amante, negra¹⁹, trabalhadora²⁰ e contestadora militante de quaisquer escravagismos²¹. Seu amado é para ela realização de encontros e também, em meio a suas vidas, sofrimento de desencontros. No centro de seus cinco poemas, em seu terceiro encantador cântico, o amor da amada e do amado assumem, a meu ver, nítidos contornos messiânicos: “tudo interiormente ornado pelo amor” (Ct 3,10). Amor de beijos e amassos é pro-

¹⁵ Cf. Fernández (1994); Wolff (1969, p. 64-84).

¹⁶ Cf. Mesters (1998); Campusano (2003).

¹⁷ Cf. Lopes (2007).

¹⁸ Cf. Mesters (1986); Every-Clayton (1993).

¹⁹ Cf. dal Pozzo (1996).

²⁰ Cf. Schwantes (1993a, p. 39-49; 1993b, p. 9-15).

²¹ Cf. Ct 8,5-7.8-10!

priamente o que, de acordo com as tradições, algum dia terá sido a encantadora vida de Salomão. A de agora a supera, porque cada mulher e cada homem a podem viver, sem ter que comprar e vender vinhas como dantes em temos salomônicos. Agora, basta encontrar a amada e o amado e abraçar-se por debaixo dos palácios dos arvoredos (Ct 2!), nos entremeios entre as casa e os desertos. Por aí, “debaixo da macieira” (Ct 8,5!) o êxtase dos beijos toma conta, na alegria da gratuidade. Pois, “maldito se alguém quisesse dar todos os seus bens pelo amor” (Ct 8,7). Eis, a sabedoria sábia do amor! No hebraico, saber é experimentar, ‘experenciari’!

Por certo, igrejas não são o local de ensaio de tamanhas insubordinações. Realmente a sabedoria não lhes serve! Que seria das igrejas se Cantares fosse um de seus livros, sem papas na língua!? Realmente: não! A sabedoria está fora, porque se estivesse por dentro das igrejas lhe seria, lhe teria sido insuportável. Parece-me que a religião que se adonou de Cantares sepultou-o também. A sabedoria desordena! Eis o problema!

Eclesiastes/Coélet que o diga! Nos Escritos, ambos – *Cantar dos cantares* e *Coélet* – encontram-se na seqüência. Ambos formam um par impactante. Em ambos prevalece o feminino: no *Cântico* a maioria da fala é de mulher; em *Coélet*, que significa ‘assembléia’, é igualmente feminina! As palavras de uma e de outra não cabem nas consciências da gente. Seu arroubo é exagerado.

Daí veio a alguns a idéia, por sinal mui infeliz, de que *Coélet* fosse cético, negativista. Qual nada! Suas palavras são esperançosas, quando trata do que importa na vida (Ecl 11,1-5!). *Eclesiastes* só arruma o que está torto na vida e na religião. Torto na vida é a espoliação. Os termos que usa para dizê-lo são os dos profetas (Ecl 4,1-3)²². Torto na vida é a religião. E é por isso que tão elegantemente diz que, lá no templo, cada qual fique parado no fundo e não diga nada (Ecl 5,11-7), palavra alguma, pois se disser algo isso poderá vir a ser usado contra ele. Cuidado! Realmente, tais ênfases não servem para continuar a enganar e roubar a população, a comunidade/*kohélet*. Esse livro tem razão. Eis o problema. Por isso, melhor é esquecê-lo. E sofrer! O que *Coélet* expressa quer ensinar a comer e beber. É o que seus capítulos várias vezes repetem. Se assim não procedermos, a dor nos assalta da pior maneira, com fome e doença e todos os horrores possíveis.

O *Livro das Lamentações*²³, neste sentido, é tenebroso, horrível. Nele voltamos aos *Salmos*, pois as lamentações coletivas bem que poderiam ser uma das coletâneas de salmos. E, de verdade, a dor tem, para povos subalternos, dominados e extorquidos como os judaítas, uma trajetória que parece esvair-se em

²² Cf. Kaefer (1999); Veras (2005); Campos (2004).

²³ Cf. Calovi (2006).

tragédia sem fim, em opressões inacabáveis. É como se lhe estivesse sobre-escrito: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Sl 22,2). E, assim, *Lamentações*, no final de um itinerário de pequenas soluções, se lança de volta aos salmos. Em parte, reafirma-os, em especial quanto à imensidão de dor que avassala a vida. Mas, após as esperanças dos livros interpostos entre *Salmos* e *Lamentações*, já não basta repetir só esta faceta de lamúrias sem fim. Agora, também é preciso ir à luta. Afinal, os salmos messiânicos espalhados pelo saltério o exigem. É preciso aproximar o tempo do messias, do libertador; não basta corroer-se em dores, pois, nem os salmos o desejam, e nem mesmo Jó.

Por isso, vai-se à luta, à disputa, à inconformidade. *Ester* e *Daniel* são livros deste tipo. E ambos ainda vão marcados pela sabedoria²⁴. Seguem *Lamentações* para contradizê-lo! Ester vai em definitivo à luta²⁵. Disputa na violência os espaços para que seu povo possa viver. Daniel assume a postura contrária, a da não-violência, uma vez que mortos se tornam mártires no livro da vida (caps.11-12). Ao concluir os Escritos, *Esdras*, *Neemias*, *1o. das Crônicas* e *2o. das Crônicas* ampliam horizonte e linguagem, dando de novo espaços à *torah*/lei e aos *nebi'im*/profetas. Nestes últimos livros, ainda se mantém a linguagem e a ênfase sapiencial, mas também se ampliam os horizontes, em direção ao todo da Escritura.

Podemos, pois, *resumir*. O núcleo dos Escritos é sapiencial. Em conjunto com a oração, esta parte do cânon é sabia. Mesmo as orações não raro se configuram dentro da sapiencialidade. Horizontes contidos não necessariamente obscurecem o dia-a-dia. Cancelas fechadas ainda não acabam com a vida, ainda que a encurtam. Tempestades no horizonte tendem a aproximar pessoas, corpos, pois o medo que vem pode agrupar. Desse jeito o Cântico celebra a vida, se bem que a escravidão a ronda a vida. Javé não está excluído, mas também não é central. No centro estamos nós, pessoas, e aquilo que fazemos ou deixamos de fazer. Teologia sem paz com a Antropologia é, pois, alienação. Eis o problema da fé, hoje. É que nos domingos se celebra a Deus sem nós.

Inerente e imanente

Confesso carregar comigo uma triste alegria ao ver alguns querendo salvar a sabedoria pela sua teologia. Finalmente também não sei como solucionar o problema com que a sabedoria nos defronta. E isso é que suas referências propriamente teológicas não desenvolvem as significações de Deus para além do âmbito criacional. Êxodo, profecia e Sião permanecem fora de seus horizontes. E, em especial, a experiência de Deus nem mesmo desempenha papel de destaque nas referências religiosas de seus textos.

²⁴ Quanto à relação entre a linguagem apocalíptica e a sabedoria, cf. von Rad (2006, p. 723-7300).

²⁵ Cf. Gallazzi (1987).

Se buscarmos conceitos relacionados a Deus, então pouco encontraremos em *Eclesiastes*. E mesmo o que encontramos não deixa de parecer algo estranho. Ora, em Ecl 5,1 se lê, como título de uma unidade: “Guarda o teu pé, quando entrares na casa de Deus. (...) nem teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus” (Ecl. 5,1-2; 5,1-7). Se, ao menos, os sacrifícios templares (Ecl 5,1) só estivessem sob críticas, como entre os profetas (por exemplo, Is 1,10-17)... Mas, não: são os próprios salmos e promessas e juramentos que são desrecomendados, proibidos até.. Pois, finalmente, todas estas coisas, promovidas na “casa de Deus”, prejudicam o ser humano. Por isso, “guarda o teu pé”!

Não é diferente o *Cantar dos cantares*. Em seu final, há uma interessante referência a Deus-Javé. Em Ct 8,5-7, amor e paixão são descritas, com exuberância e emoção. E, aí, no final do v. 6, se diz que paixão e amor “são veementes labaredas” (Ct 8,6). Estas “labaredas” são “de *yah*”, de *yahveh*. Poderíamos, pois, traduzir como “labaredas de Javé”, em vez de “labaredas veementes”. De todo modo, o conceito *yah/yahveh* encontra-se nesta passagem do *Cantar*. E, se não o interpretarmos como um superlativo²⁶ – que é seu sentido mais provável –, então esta seria no *Cantar dos Cantares* a única expressão referência a Deus. Como havemos de explicar a quase ausência da teologia, em seu sentido específico?

Há quem tenha agrado em se agarrar a Provérbios 1,7: “o temor do Senhor [é] o principio do saber” (Pr 1,7a). Não poucos consideram tal frase o próprio moto da sabedoria²⁷. Certamente, aos olhos dos últimos redatores, aos quais se há de poder atribuir Pr 1,1-7, o v. 7 tem esta função. Mas, isso vale para os redatores finais. E, além do mais, há que se considerar o que significa este conceito do “temor de/a Javé”. Poderia ser a reverente inclinação ao divino, a experiência do numinoso²⁸. Mas, em sentido sapiencial, “temor a Javé”/*yir’at yahveh* não diz tanto respeito à experiência de Deus, mas à atitude humana. Teme-se a Deus ao seguir os mandamentos e a ética. E esta é a “cabeça/o começo do conhecer”. Mas, há que se levar em conta que “conhecer”/*yd’*, em um ambiente como o nosso, significa especificamente “praticar”. Implícito está que esta prática coincide com “Javé”, com o “temor”, quer dizer com as ações sociais apropriadas para uma vida com Deus. A frase se refere, pois, ao ético! De que este é seu sentido sapiencial, pode-se deduzir da própria segunda parte da frase do v. 7: “sabedoria e disciplina, loucos a desprezam²⁹” (Pr 1,7b).

²⁶ Como *ruah ’elohim* “vento de Deus” ou “vento forte” em Gn 1,2; cf. Westermann (1967, p. 107, 141-157).

²⁷ Cf., por exemplo, Gemser (1963, p. 19-24) e, especialmente, von Rad (1985).

²⁸ Cf. Otto (1985).

²⁹ Poder-se-ia acrescentar: “sabedoria e ensino, loucos desprezam(-nas)”.

Neste v. 17b, “sabedoria e disciplina”/ *hokmah vu-musar*, não indicam posturas ideais ou genéricas, mas ações práticas e concretas, sendo “sabedoria”/ *hokmah* a sábia ação adequada ao que o respectivo campo de ação exige. Na mesma direção indica a “disciplina”/ *musar* que assinala para os regramentos de determinada área das ações e dos conhecimentos. Isso se referenda a partir da ótica do v.7b, de que os assuntos sapienciais não derivam um conceito teológico, mas da conceituação marcadamente prática da sabedoria, o que inclui o próprio sentido de Deus, como, pois, vemos em Pr 1,7 e como já víamos em Ecl 5,1-7 e Ct 8,5-7.

Há na sabedoria muitas propostas e propósitos éticos, mas estes não vêm embainhados em reflexões histórico-salvíficas, como no livro do *Deuteronômio* ou em Ex 20-23. A ética se estabelece por si mesma, pela evidência com que se impõe, ou pela racionalidade que lhe é inerente. Isso pode surpreender, mas é assim, na sabedoria!

Pode-se dizê-lo também de outra forma. Deus é criador e por isso é necessário que nos adequemos às normas de convívio social. Mas o conceito-base, neste caso, é eminentemente social, não histórico-salvífico. Sendo criacional, é também universal. Pois o argumento histórico-salvífico tende a circunscrever as razões para suas exigências éticas à esfera na qual têm validade as ações histórico-salvíficas. O problema é que, por autocompreensão, o espaço histórico-salvífico seria a frente de lutas sociais mais avançada. Em hipótese isso tem alguma validade. Mas não é o que se passou, por exemplo, no Brasil, onde igrejas se agarraram a antigas tradições justamente para verem mantidos a escravidão, enquanto que forças sociais vinculadas ao pensamento mais universal perceberam, sabiamente(!), que as igrejas haviam perdido a conexão com o que seria universal, enquanto que as forças extra-igrejas justamente foram capazes de articular valores humanos mais amplos. É o que chamamos de sabedoria.

É verdade que muitos setores das igrejas tendem a não ter grande agrado em tais espaços autônomos. Mas, justamente este pensamento próprio, sapiencial criacional-universal é bíblico. Ele já é considerado bíblico, porque, afinal, e assim se pensa por aí, bíblico é o que está espraiado pelas igrejas. Mas, não é o caso: as tradições sapienciais bíblicas são desconhecidas de boa parte do cotidiano das igrejas e das teologias. De fato, as igrejas só fazem uma seleção do que seria bíblico. Enquadram-na – ecumenicamente – em seus arraiais. E, assim, a sabedoria fica de fora.

No caso, não basta só cultivar “a amizade ao saber”, a filosofia. Pois, esta “amizade ao saber” não necessariamente é sábia. Se não se debater a questão da escravidão (veja *Eclesiastes*) e não respeitar mulheres e sexualidade (veja *Cantar dos Cantares*), continua não havendo “amizade ao saber”. Mas, enfim, tais dis-

tinções nem mesmo são vitais e podemos viver sem elas; o que finalmente importa é que a sabedoria tem sua grandeza em sua densidade humana. Bom seria se pudéssemos dizer que tal densidade é, nela, teológica. Mas isso, no Ocidente, ainda continua a ser uma sentença difícil. Carecemos de muitas cartas de pessoas como Pero Vaz de Caminha³⁰ para encontrar a sabia ‘teologia’.

Negligenciei a *profecia* nas considerações acima. No final, ao menos ainda quero apontar para ela. Na segunda metade do século XX, a profecia foi lida à luz da vocação³¹ e da origem dos ditos proféticos³² na fala inspirada de Javé, em meio a fenômenos mais ou menos estáticos. Em tais modelos de compreensão, o evento teológico-religioso sempre é, hermeneuticamente, anteposto a mediações, para afirmar a diferença marcante entre profecia e quaisquer fenômenos similares, em que as mediações se tornam mais humanas e racionalmente perceptíveis.³³ Como a proximidade entre profecia bíblica e fenômenos similares em meio à história das religiões, contudo, são flagrantes, o conceito do êxtase ou da consciência alterada³⁴ requer ser aplicado aos profetas e às profetisas bíblicas de modo renovado e exigente. Pois não resta dúvidas de que a profecia comparte com a humanidade o senso do carisma e do êxtase.

Mas aí, entretentes, se vai agregando uma descoberta interessante que nestes últimos decênios nos foi possível. Ora, enquanto pensávamos que fosse possível atribuir as origens proféticas tão-somente à inspiração vocacional, ao Deus que em sua absoluta diferença se lança à consciência humana, podíamos fazer de conta que as mediações histórico-religiosas seriam dispensáveis. Se “a palavra” é só “de Deus”, então para que querer mediá-la? Na medida que isso se foi tornando insuficiente, na consciência dos decênios finais do século passado, buscaram-se alternativas. Meu professor Hans Walter Wolff, um exímio exegeta, rapidamente percebeu que Amós não tinha raízes no templo, nem nos jeitos de pensar das elites urbanas judaítas. E, para mim, surpreendentemente, foi encontrar na sabedoria as raízes intelectuais de Amós³⁵ Ele ainda diferenciava claramente entre esta pertença cultural de Amós aos círculos sapienciais e sua vinculação à teologia javista, que seria, ela mesma, a raiz teológica de seu pensamento³⁶. À medida que aproximássemos o evento teológico javista do evento cultural e teológico da sabedoria, por excelência universalista, certamente haveríamos de compreender de modo novo a pro-

³⁰ Cf. Cortesão (2000) e Pereira (2001).

³¹ Cf. von Rad (2006, p.489-507).

³² Cf. Wolff (1992).

³³ Cf. Santos (2004, p. 59-97).

³⁴ Cf. Santos (2004, p.29-58); Jung (1995).

³⁵ Cf. Wolff (1964).

³⁶ Cf. Wolff (1969, p 107-108).

fecia. Já há intentos nesta direção. E isso irá alocar a teologia bíblica em novas dimensões. A sabedoria é mesmo missionária, mas o é de outra forma que a centralização nas igrejas e na história da salvação³⁷. Inerente e imanente – eis as dimensões exigentes colocadas pela sabedoria.

Provérbios e sentenças

Não é necessário alcançar as origens para obter um senso revolucionário. Afinal, a revolução está nas utopias, não nos longínquos passados. Por lá, nos tempos que de nós se distanciam, antes governam serpentes e faraós. Para obter utopias é preciso voltar ao reino, em paródia do que se lê em Mc 1,14-15³⁸. Nas camadas arqueológicas, por mais profundas que sejam, raramente se encontram sentidos, antes só estranhezas e des-conexões, resíduos. Religião deseja conexões, não resíduos!

Ainda que isso seja aproximadamente assim e que as esperanças sejam mesmo utopias e não repetições de cenários de antigamente, no caso dos provérbios e da sabedoria em geral quase se torna necessário um ‘ato arqueológico’. Acontece que a sabedoria oriental – não só a bíblica – se nos apresenta de modo literário. Afinal, Bíblia é literatura³⁹. E, em especial, sabedoria existe sob forma literária.

Explico melhor. Bem antes do Primeiro Testamento, em terras mesopotâmicas já se usavam textos sapienciais como conteúdo do ensino, da escola. Em tempos do Primeiro Testamento também terá ocorrido o mesmo⁴⁰. Pelo que conhecemos destas ‘escolas’ daqueles distantes tempos, sua alfabetização era promovida com uso de provérbios. Reuniam-se ditos populares, portanto frases das origens dos alunos daquelas escolas de formação dos administradores do estado e da cultura, reunindo o que cada aluno conhecia de seu ambiente de vida, nas vilas e aldeias. A estes provérbios populares eram acrescentadas frases paralelas que provocassem o pensamento e incluíssem conteúdos do novo *status* que os alunos, através do conhecimento, passariam a assumir na sociedade. Tais sentenças – quer dizer, a frase correta para os provérbios – tendem, pois, a insinuar o estudante em novas tarefas e novos conhecimentos sociais. Pois seu serviço de escriba lhe abrirá novas portas para o convívio social, próximo a funcionários em geral, a altos dignatários e,

³⁷ Cf. a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (Cortesão, 2001; Pereira, 2001), em que os indígenas acompanharam de modo devoto e participativo a primeira missa. É que o que é de Deus é universal.

³⁸ “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1,15).

³⁹ Cf. Alter e Kermode (1997).

⁴⁰ Hermisson (1968).

enfim, à própria corte real, onde esta pessoa formada nas letras tinha seu espaço e seu âmbito. Conhecemos mesmo alguns trechos de tais setores da governança que juntaram provérbios-sentenças nos tempos de Ezequias, rei em Judá (725-697 a. C.). Sua sabedoria se encontra em Pr 25-26 e efetivamente tem em seu caráter sentencial compromissos de ‘ensinar’ as gerações de pessoas que viessem a viver nos espaços do Estado⁴¹.

A sabedoria que conhecemos é, em termos de estilo, esta em que uma frase é retomada por outra de modo paralelo. Isso equivale a dizer que a sabedoria bíblica está toda mediada por seculares costumes de vê-la usada no ambiente de formação de pessoas alfabetizadas para a administração das sociedades. Mas, em cada um destes ‘duplos’ provérbios ou destes ‘provérbios ampliados’ ou destas sentenças, como costume designá-las, o provérbio ainda transluz de modo claro e nítido. Não se necessita de grande esperteza para perceber, de imediato, qual é o provérbio e qual é a sentença. Quando aprendi este jeito de ler os provérbios em um seminário de estudos de Claus Westermann, em Heidelberg, na Alemanha⁴², ele nos fez ver esta ‘técnica’ de leitura a partir de provérbios africanos (da Namíbia). E isso me pareceu imediatamente transparente: um provérbio tem um só pensamento. Quando se lhe agrega um segundo pensamento, então tal provérbio é transformado em sentença. Aliás, basta conferir os provérbios usados no Primeiro Testamento fora do âmbito das coleções sapienciais. Aí costuma-se usar o provérbio em frase de um só conteúdo como sendo propriamente o *maxal*. Este uso da sabedoria como a que expressa significados de modo simples⁴³ é característica da sabedoria fora de coleções de sapiencialidade.

Há uma razão a mais para caracterizar a provisoriidade da formulação sentencial. Acontece que conhecemos este modelo do duplo pensamento das sentenças à luz do treinamento mesopotâmico de funcionários de Estado e de Templo. Mas, quando, em Judá, se esprou o estilo e a religião a partir da sabedoria, justamente falta o Estado, e o Templo há de ter sido de pequeno valor (veja a profecia de Malaquias e a obra do sacerdote-escriva Esdras). Neste sentido, a obra sapiencial de Israel é tardia, confluindo menos com os costumes do Antigo Oriente e possivelmente mais com certas tendências da autonomia de pensadores e escritores do mundo grego. Por isso, a sapiencialidade judaíta pós-exílica não se aninha no estado (Pr 1-9 tem a família como referente!) e também não agrega ao templo (veja Jonas). Seus caminhos são próprios. Assemelham-se a uma re-criação da religião. Este monumental exercício intelectual e religioso a religião cristã ignorou.

⁴¹ Cf. meu ensaio em Schwantes (1984, p. 39-82).

⁴² Cf. Westermann (1974, p. 149-161; 1995).

⁴³ Cf. Joller (1976).

Feitas estas distinções, podemos concluir que nos cabe uma tarefa toda especial na interpretação dos textos sapienciais: promovendo a distinção entre sua parte proverbial e sua parte sentencial. Uma das vantagens desta diferenciação é que aumentaremos em muito os significados do que o texto masorético nos transmite e, em especial, poderemos assimilar de modo ainda mais eficiente o significa popular e comunitário do saber. Não somente teremos que repetir o sentido das sentenças, mas poderemos trazer à tona de modo mais e mais eficaz o saber do povo – afinal, daqueles que fizeram Judá durante séculos e eram constitutivos dele.

Referências

- ALTER, R.; KERMODE, Frank (orgs.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997. 725 p.
- CALONGA, T. A. da S. *Uma crítica à realidade e a Deus: um estudo exegético em Jb 24,1-12*. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2004. 164 p.
- CALOVI, M. *Como está solitária!* – Lamentações na pesquisa científica. São Leopoldo, 2006. 129 fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Escola Superior de Teologia.
- CAMPOS, H. de. *Qohélet-o-que-sabe – Eclesiastes*: poema sapiencial. São Paulo: Perspectiva, 2004. 248 p.
- CORTESÃO, J. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. [Adaptação]. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2000. 20 p.
- DAL POZZO, A. D. *Cântico dos Cânticos 1,5-6: o poema e a reação de uma camponesa à marginalidade social*. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1996. 177 p.
- EVERY-CLAYTON, J. E. W. *Rute*. [Em Diálogo com a Bíblia, 8]. Curitiba: Encontro Editora/Missão Editora, 1993. 91 p.
- EZR. *Lernort Gemeinde: Beiträge zur Gemeindepädagogik aus dem Evangelischen Zentrum Rissen*. Hamburgo/Alemanha: Evangelisches Zentrum Rissen, 1992. p.29-35.
- FOHRER, G. *História da religião de Israel*. São Paulo, Edições Pulinas, 1982a. 513p.
- _____. Georg Fohrer, *Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Pulinas, 1982b. 392p.
- GALLAZZI, S. *Ester: a mulher que enfrentou o palácio*. [Comentário Bíblico]. Petrópolis: Vozes, 1987. 187 p.
- GEMSER, B. *Sprüche Salomos*. 2nd ed. Tubinga: J. C. B. Mohr, 1963. 116p.
- GUNKEL, H. *Einleitung in Psalmen: die Gattungen der religiösen Lyrik Israels*. 4th ed. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985. 637 p.
- GUTIÉRREZ, G. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente: uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis: Vozes, 1987. 166 p.
- HERMISSON, H. J. *Studien zur israelitischen Spruchweisheit*. [Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament, 28]. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1968. 208 p.
- HORST, F. *Hiob 1-19*. [Biblischer Kommentar Altes Testament, 16/1]. 2nd ed. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1969. 287 p.

- JOLLER, A. *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. São Paulo: Cultrix, 1976. 222 p.
- JUNG, C. G. *Psicologia e religião*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 129 p.
- KAEFER, J. A. *Coélet e a idolatria do dinheiro: um estudo a partir de Eclesiastes 5,7-19*. São Bernardo do Campo, 1999. 231 fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.
- KRAUS, H.-J. *Psalmen 1*. 3rd. ed. [Biblischer Kommentar Altes Testament, 15/1]. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1966. 560p.
- KRÜGER, R. *Pobres y ricos en la epístola de Santiago: el desafío de un cristianismo profético*. Buenos Aires: Lumen, 2005. 398 p.
- LOPES, M. *A mulher sábia e a sabedoria-mulher: símbolos de co-inspiração. Um estudo sobre a mulher em textos de Provérbios*. São Leopoldo: Oikos, 2007. 218 p.
- MESTERS, C. *Peregrinação nas estradas de um mundo desigual* salmos de romaria. São Leopoldo/São Paulo, Cebi/Paulus, 1998.
- _____. *Rute*. [Comentário Bíblico]. Petrópolis: Vozes, 1986. 67 p.
- _____. *A sabedoria do povo: ser aluno do bom senso*. [Círculos Bíblicos, 4]. Petrópolis: Vozes, 1984. 32 p.
- OTTO, R. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985. 172 p.
- PEREIRA, P. R. *Carta de Caminha: a notícia do achamento do Brasil*. [Coleção Páginas Amarelas, 44]. São Paulo: Editora Expressão e Cultura, 2001. 92 p.
- RIBLA. Os cristianismos originários – 30-70 d. C. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Editora Vozes, v. 22, 1995.
- SANTOS, R A. dos. *Entre a razão e o êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência*. São Paulo: Loyola, 2004. 249 p.
- SCHWANTES, M. Apresentação. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 52, p. 5-10, 2005.
- _____. Debaixo da macieira: cantares à luz de Cantares 8,5-14. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Editora Vozes, v. 40, p. 39-49, 1993a.
- _____. Debaixo da macieira: cantares à luz de Cantares 8,5-14. *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, Koinonia, v. 9, p. 9-15, 1993b.
- _____. Ein Gerechter wird in seiner Hoffnung überleben. In: EZR. *Lernort Gemeinde: Beiträge Zur Gemeindepädagogik aus dem Evangelischen Zentrum Rissen*. Hamburgo/Alemanha: Evangelisches Zentrum Rissen, 1992. p. 29-35.
- _____. Ein Gerechter wird in seiner Hoffnung überleben. *Weltwirtschaft und Gerechtigkeit*. [Sonderdruck der “Nordelbischen Stimmen” 11/93 e 4/94]. Kiel/Alemanha: Evangelischer Presseverband Nord, 1994. p. 21-25.
- _____. A glória dos governantes consiste em investigar a corrupção: um estudo de Provérbios 25. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, a. 24, p. 39-82, 1984.
- _____. Sementes. *Cadernos do Povo*, p. 27-40, 1978.
- SÖLLE, D. *Sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 1996. 189 p.

- STRAUSS, H. *Hiob 19-42*. [Biblischer Kommentar Altes Testament, 16/2]. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1995-2000. 416 p.
- TAMEZ, E. T. *Tiago*. [Comentário Bíblico Latino-Americano]. São Paulo: Loyola, 2009. [No prelo].
- _____. *A carta de Tiago numa leitura latino-americana*. São Bernardo do Campo: IMS - Faculdade de Teologia, 1985. 104 p.
- TERNAY, H. de *O livro de Jó: da provação à conversão, um longo processo*. [Comentário Bíblico]. Petrópolis: Vozes, 2001. 333 p.
- TRIANA FERNÁNDEZ, P. J. *Caminar hacia la esperanza: una lectura de Joel 3,1-5*. São Bernardo do Campo, 1994. 203 fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo).
- VENTURA CAMPUSANO, M. C. *Opressão e resistência reveladas pelos corpos peregrinos: um estudo de gênero, classe e etnia a partir dos salmos de subida – salmos 120-13*. São Bernardo do Campo, 2003. 309 fl. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.
- VERAS, L. L. *Coélet: contestador ou construtor de uma nova sabedoria?* São Bernardo do Campo, 2005; 409 fl. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.
- VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006. 901 p.
- _____. *Weisheit in Israel*. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1970. 308 p.
- _____. *Sabiduría en Israel: Proverbios, Job, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabiduría*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985. 408 p.
- WESTERMANN, C. *Roots of wisdom: the oldest proverbs of Israel and other peoples*. Louisville/Kentucky, Westminster John Knox Press, 1995. 178 p.
- _____. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1994. 202 p.
- _____. *The structure of the Book of Job: a form-critical analysis*. Philadelphia: Fortress Press, 1981.
- _____. *Der Aufbau des Buches Hiob*. Stuttgart: Calwer Verlag, 1977. 149 p.
- _____. Weisheit im Sprichwort. *Theologische Bücherei*, München, Christian Kaiser Verlag, v. 53, p.149-161, 1974.
- _____. *Genesis*. [Biblischer Kommentar Altes Testament 1/1]. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1967. 824p.
- WOLFF, H. W. *Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. 3. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. 143 p.
- _____. *Joel und Amos*. [Biblischer Kommentar Altes Testament, 14/2]. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1969. 424 p.
- _____. *Amos' geistige Heimat*. [Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament, 18]. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1964. 66 p.
- ZIMMERLI, W. *Manual de teología del Antigo Testamento*. [Academia Christiana, 11]. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980. 290 p.